

ALQUEIDAD DA SERRA

Devoção a Nossa Senhora

II - As contas

É da tradição oral e lê-se, na já referida Acta da Junta de Freguesia de 21 de Fevereiro de 1921 que o Alqueidão que já se chamou: "da Murada", depois "dos Alhos", depois "das contas" e agora Alqueidão da Serra, começou à volta de um convento de freiras existente no, ainda hoje, Val das Freiras. Era a dois passos da actual e antiquíssima lagoa de Santa Catarina, onde existia Capela da mesma invocação. (Couseiro, pág. 203).

Diz-se que aí nesse convento começou a manufactura das contas de rezar.

Inicialmente estas contas eram de osso, furadas no meio com pequena broca. Se no início eram talhadas à mão, com canivete ou outro utensilio rudimentar, há também quem refira o recurso a um pequeno torno. Para o polimento, as contas eram metidas em pequenas sacas, sendo então bem esfregadas umas contra as outras. Ficavam brilhantes, bem polidas. De seguida eram enfiadas em linhas consistentes. Formavam então os rosários de quinze mistérios e as coroas, metade do rosário. A cruz terminal também era talhada em osso. A conta do Pai Nosso, entre cada dez, era um pouco mais larga que as restantes.

Diz-se que já em 1310 se faziam cá as contas. E esta indústria, apesar de caseira e familiar impôs-se de tal modo que alterou o nome do povoado para Alqueidão das Contas, como ainda muitos o conhecem.

A tradição diz também que em Agosto de 1385, quando D.Nuno Álvares Pereira aqui passa com o seu exército utilizando a Estrada Romana, que fica a escassos metros de Santa Catarina, uma freira (ou uma velhinha), lhe terá oferecido um destes rosários, o qual o Condestável terá levado para a Batalha de Aljubarrota em São Jorge.

Seriam freiras beneditinas ou cistercienses, relacionadas com Alcobaça, ou Agostinhas relacionadas com Santa Cruz de Coimbra?

é sabido, e há documentos, que os freis Dominicanos do Mosteiro da Batalha eram os grandes consumidores destes rosários.

Eles próprios vinham cá buscá-los. Poderá também dever-se aos Dominicanos do Mosteiro da Batalha a grande devoção a Maria e ao Rosário aqui no Alqueidão das Contas.

Outros materiais, num passado mais recente foram empregues na fabricação das contas: madeira de moita e medronheiro que iam buscar à serra, sementes de alfarroba, de morganiça, caroços de azeitona e contas da conteira. Estas, da conteira, eram mais caras. Para cortar estas madeiras usavam uma pequena enxó. Ainda hoje existe uma.

Por vezes iam mesmo longe comprar as contas para cá fabricarem os rosários e mais tarde os terços. A Chão de Maçãs e à feira da Quinta da Sardinha, entre outras e em épocas diferentes.

Também pelas feiras eram vendidos os nossos terços. Um velhote simpático, de todos bem conhecido de apelido Tio Troia, foi o último a trazer para cá as contas, a vendê-las e a vender também os terços.

Havia irmandades, como a do S.Sacramento (anterior a 1861), a de Nossa Senhora e outras que em troca da esmola recebida como recompensa e agradecimento, davam umas contas.

Significativo é também que aí por 1950, sendo Promotor Nacional do Rosário, frei Francisco Rendeiro, depois Bispo do Algarve, alguém do Alqueidão lhe ofereceu dois rosários com contas de osso, dizendo-lhe que haviam sido fabricados para os Dominicanos da Batalha. Rosários que este bispo muito estimava.

As nossas contas correram conventos, aldeias, igrejas e casebres; já por elas muito se rezou.

Alqueidão da Serra,
12 de Setembro de 1992

Carlos Alberto Rosa Vieira